

O futuro com Sarney

ESTADO DE SÃO PAULO
GERALDO FORBES

28 ABR 1985

As extraordinárias demonstrações de autêntico pesar de todo o povo brasileiro com a morte do dr. Tancredo Neves encerram várias lições e advertências sobre as quais devem os homens públicos meditar.

O principal e mais evidente postulado deste dolorido episódio é o desejo esperançoso de mudanças, é a crença de que mudar é possível, é a fé nos homens que o propõem racionalmente e o fato de serem esses sentimentos partilhados pela esmagadora maioria da população.

A advertência grave e severa, sublinhada pelo oceano de jovens que acompanhou por onde tenha passado o cortejo do grande morto, deriva da verdade acima e surge do silêncio em resposta à assustadora pergunta: "E se não mudar? E se se frustrarem as esperanças?"

A maturidade política da população, até mesmo por sua clara aceitação das propostas do dr. Tancredo e da sua eleição indireta, está mais do que provada. Resta indagar, como já disse um notável cronista, se a porção fardada também a está adquirindo e, ainda mais importante, se os políticos vão um dia atingir tal estágio.

Difusas ou mal articuladas, não importa, as reivindicações populares versam, é claro, sobre a melhoria de seu padrão de vida. Aos políticos, aos deputados e representantes da massa informe é que cabe justamente interpretá-las e tentar implementá-las, se quiserem ser dignos de seus mandatos. E estão aí os pronunciamentos do dr. Tancredo para quem quiser ler e aprender.

A longa, lenta, gradual mas segura decadência econômica nutrida pelos tutores militares e seus irresponsáveis acólitos conduziu-nos a um ponto talmente crítico que não se podem mais postergar com engodos ou mentiras as reformas necessárias.

Lembrem-se das multidões.

*

O presidente, por obra da "fatalidade atroz que a mente esmaga", é agora o sr. Sarney. Não haverá proveito algum em se contestar esse fato e qualquer tentativa neste sentido só poderá trazer confusão e prejuízo.

Também não se vai brincar de Pollyanna e dizer-se que a assunção do sr. Sarney seja uma boa nova que nos deixa contentes. Trata-se apenas de reconhecer a realidade e procurar, trabalhando-a, obter o melhor que se puder de uma situação reconhecidamente má.

Esta coluna já fez restrições ao novo presidente quando sua efetivação era apenas uma hipótese desagradável. Hoje, sem voltar atrás naquela análise, mas reconhecendo a gravidade do momento e a necessidade da firme união do País em torno de um programa de salvação nacional, é justo dar-lhe ao menos o benefício da dúvida.

Não se pode prejudicar o seu governo antecipadamente condená-lo e fazer-lhe oposição. Antes disto, e até prova em contrário da inutilidade dos esforços, deve-se apoiá-lo, na busca das melhores soluções para os nossos problemas.

Por outro lado, não se pode descartar a hipótese de vir a ser o seu período um rotundo fracasso. É uma possibilidade

tanto quanto a de vir a ser bem-sucedido. E o que faremos se o pior acontecer? Saindo de onde estamos não agüentaremos nem seis, nem mesmo quatro anos de administração incompetente. E certamente não queremos chamar nunca mais os militares para cometer outro golpe.

O melhor remédio, diria, o único remédio legal para a eventualidade do desastre é a convocação sem tardança de uma Assembléia Nacional Constituinte.

Se elegermos em novembro os constituintes, quando estes começarem seus trabalhos daqui a um ano já se terá uma idéia mais bem fundada das qualidades e deficiências do governo Sarney.

A fixação da duração de seu mandato decorrerá, então, de uma experiência vivida e não mais de uma presunção. A Constituinte agindo soberana, mas jamais levemente, dará um prazo maior ou menor à presidência do sr. Sarney, tal qual seja o sentimento popular refletido pela própria composição da Assembléia na eleição de seus membros.

Nada mais lúdico, legítimo e democrático.

Lembrem-se das multidões.

*

Será que a Nova República, como a rosa de Malherbe, só viveu o curto tempo da manhã, e morreu? Há pessimismo.

Reconheça-se, porém, que não é necessariamente verdadeiro que o novo governo vá ser ruim. Há mesmo um paralelo histórico que aponta o contrário.

Quando John Kennedy foi assassinado, a comoção, nem precisa lembrar, foi indescritível. Assumiu a Presidência o ex-senador e vice Lyndon Johnson, que semelhançadamente ao sr. Sarney, era uma velha raposa política, sem nada de estadista, vindo de uma região conservadora e com uma biografia classificável, na melhor das hipóteses, como controvertida.

Ninguém confiava naquele provinciano, e a todos ofendia ver aquele homem de tantas ligações e negócios suspeitos no trono de JFK.

Acontece que, guiado por sua enorme sensibilidade política e apoiado por suas conexões no Congresso, Johnson foi capaz de fazer aprovar um conjunto de leis que compôs o chamado programa da "Great Society", voltado para os menos favorecidos.

Todos os especialistas são unânimes em dizer que Kennedy jamais teria conseguido obter tanto do Congresso. Seu carisma não se traduzia em apoio político. Sucedendo-o, Lyndon Johnson valeu-se habilmente da enorme emoção nacional e do clima de congraçamento em torno do que pareciam ser as idéias do presidente morto para levar a bom termo todos os projetos. Foi o período de maior atividade legislativa do Congresso americano. E Lyndon Johnson ao fim do resto do mandato de JFK foi eleito por esmagadora maioria para mais quatro anos.

Porque se lembrou das multidões de desprotegidos.

*

Dr. Sarney: só para prevenir, que tal a operação de uma Constituinte já para evitar um abdômen agudo e infeccionado mais tarde?

Teme apenas quem deve. Chame a Constituinte e cresça na Presidência. É só o que queremos. Lei e governo. E boa sorte.